

Laudato si': um "guia"

Este texto oferece um instrumento de suporte para uma primeira leitura da Encíclica, ajudando a compreender o seu desenrolar na totalidade e a identificar as linhas principais. As primeiras duas páginas apresentam a 'Laudato si' na sua globalidade; depois, cada página corresponde a um capítulo, indica o seu objetivo e reproduz alguns trechos significativos. Os números entre parêntesis remetem aos parágrafos da Encíclica. As últimas duas páginas oferecem o índice completo.

Uma visão global da Encíclica

<<Que tipo de mundo queremos transmitir às gerações vindouras, às crianças que estão nascendo?>>(160) Esta questão está no coração da Laudato sí, a tão almejada Encíclica sobre os cuidados para a casa comum do Papa Francisco. Ele acrescenta: <<Esta pergunta não diz respeito só ao meio ambiente de maneira isolada, pois que não se pode colocar a questão de maneira parcial>> e isto leva-nos a interrogarmo-nos sobre o sentido da existência e sobre os valores que estão na base da nossa vida social: << **Para qual finalidade fomos chamados à esta vida? Qual é o objetivo do nosso trabalho e da nossa luta quotidiana? Porquê trabalhamos e lutamos todos os dias? Por que é que esta terra precisa de nós?>> <<Se não fizermos estas perguntas fundamentais – diz o Pontífice – não acredito que as nossas preocupações possam obter efeitos benéficos>>.**

A Encíclica toma o nome da invocação de S. Francisco de Assis, "Laudato si, mi Signore", que no Cântico das criaturas recorda que a terra, a nossa casa comum, <<é também uma irmã, com a qual partilhamos a existência, mas também uma mãe bonita que nos acolhe nos seus braços>>(1). Nós mesmos <<somos terra (cfr Gen 2,7). O nosso próprio corpo é formado pelos elementos do planeta, o seu ar é o que nos permite respirar e a sua água vivifica-nos e nos restaura>>(2).

Ora, esta terra, maltratada e explorada, lamenta e os seus gemidos se unem aos de todos os abandonados do mundo. Papa Francisco convida a escutá-los, solicitando todos e cada um, indivíduos, famílias, colectividades locais, nações e comunidade internacional, para uma <<conversão ecológica>>, segundo a expressão de S. João Paulo II, isto é, de <<mudar de rumo>>, assumindo a beleza e a responsabilidade de um empenho em favor da <<custódia da casa comum>>. Ao mesmo tempo Papa Francisco reconhece que <<nota-se uma crescente sensibilidade em relação ao ambiente e à custódia da natureza, e amadurece uma sincera e dolorosa preocupação em relação a tudo quanto está a acontecer ao nosso planeta>>(19), legitimando assim um olhar de esperança que percorre toda a Encíclica e envia a todos uma mensagem clara e cheia de esperança: <<**A humanidade tem ainda a capacidade de colaborar para construir a nossa casa comum**>> (13); <<o ser humano é ainda capaz de intervir positivamente>> (58); nem tudo está perdido, pois que os seres humanos, capazes de degradação até ao extremo, são também capazes de superar-se, voltar a escolher o bem e re-generar-se>> (205).

O Papa Francisco dirige-se certamente aos fiéis católicos, retomando as palavras de S. João Paulo II: <<os cristãos, de modo particular, sentem que a sua tarefa em relação à criação, o seu dever em relação à natureza e ao Criador faz parte da sua fé>> (64); mas procura e salienta a necessidade de << entrar em diálogo com todos no que diz respeito à nossa casa comum>> (3). De facto, a busca do diálogo percorre todo o texto, e no capítulo quinto, é apresentado como sendo o instrumento mais idóneo e mais eficaz para enfrentar e resolver os problemas. Desde o início, o Papa Francisco recorda que também <<**outras Igrejas e Comunidades cristãs – como também as outras religiões – desenvolveram uma profunda preocupação e uma preciosa reflexão**>> sobre o tema da ecologia. Francisco assume explicitamente o contributo do <<**caro Patriarca Ecuménico Bartolomeu**>> (7) amplamente citado nos números 8-9. Várias vezes, depois, o Pontífice agradece os protagonistas deste empenho – tanto indivíduos como associações ou instituições – reconhecendo que <<a reflexão de numerosos cientistas, filósofos, teólogos e organizações sociais, enriqueceu o pensamento da Igreja sobre tais questões>> (7) e convida a todos a reconhecer <<a riqueza que as religiões podem oferecer para uma ecologia integral e para um desenvolvimento integral do género humano>>(62).

O itinerário da Encíclica está traçado no número 15 e se desenvolve em seis capítulos. Passa-se de uma escuta da situação a partir das melhores aquisições científicas hoje disponíveis (cap. 1), ao confronto com a Bíblia e a Tradição judaico-cristã (cap. 2), individuando a raiz dos problemas (cap. 3) na tecnocracia e numa excessiva auto-referencialidade do ser humano. A proposta da Encíclica (cap. 4) é a de uma <<**ecologia integral, que compreenda as dimensões humanas e sociais** (137), intrinsecamente ligadas à questão ambiental. Nesta perspectiva, o Papa Francisco propõe (cap. 5) iniciar em cada nível da vida social, económica e política, um diálogo honesto capaz de estruturar processos de decisão transparentes, e recorda (cap. 6) que nenhum projecto pode ser eficaz se não for animado por uma consciência formada e responsável, sugerindo pistas capazes de garantir um crescimento nesse sentido, a nível educativo, espiritual, eclesial, político e teológico. O texto termina com duas orações, uma disponibilidade à partilha com todos aqueles que acreditam num <<Deus Criador e Pai>> (246) e uma outra proposta para todos aqueles que professam a fé em Jesus Cristo, ritmada pelo refrão <<Laudato si>> com o qual a Encíclica se abre e se fecha.

O texto é atravessado por alguns **eixos temáticos**, enfrentados numa variedade de perspectivas diversas que o conferem, ao mesmo tempo, uma forte unidade: <<a íntima relação entre pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo no mundo é intimamente interligado; a crítica ao novo paradigma e as formas do poder que derivam da tecnologia; o convite a procurar outras formas de entender a economia e o progresso; o valor real de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a grave responsabilidade da política internacional e local; a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida>> (16).

Capítulo Primeiro: Aquilo que está a acontecer à nossa casa

O capítulo assume as mais recentes aquisições científicas em matéria de ambiente como forma para escutar o grito da criação, <<transformar em sofrimento pessoal tudo aquilo que acontece no mundo e assim reconhecer qual é o contributo que cada um pode dar (19); Se enfrentam assim vários aspectos da actual crise ecológica>> (15).

As mudanças climáticas: <<as mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, e constituem um dos principais desafios actuais para a humanidade>>(25). Se <<**o clima é um bem comum, de todos e para todos**>>(23) o impacto mais pesado da sua alteração recai sobre os mais pobres, mas muitos <<que possuem mais recursos e poder económico ou político parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou esconder os sintomas>>(26): <<a falta de reacções perante estes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda daquele sentido de responsabilidade em relação aos nossos semelhantes que constitui o fundamento de cada sociedade civil>>(25).

A questão da água: o Pontífice afirma em linhas claras que <<o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e por isso é condição para o exercício dos outros direitos humano>>. Privar os pobres do acesso à água significa negar-lhes <<o direito à vida radicado na sua inalienável dignidade>>(30).

A tutela da biodiversidade: <<**Cada ano desaparecem milhares de espécies vegetais e animais que não poderemos mais conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre**>>(33). Não são só eventuais recursos que podem ser desfrutados mas têm um valor em si mesmos. Nesta perspectiva <<são louváveis e as vezes admiráveis os esforços de cientistas e de técnicos que procuram resolver os problemas criados pelo ser humano>>, mas a intervenção humana, quando se coloca ao serviço da finança e do consumismo <<faz com que a terra na qual vivemos se torne menos rica e bela, cada vez mais limitada e fusca>>(34).

A dívida ecológica: no quadro de uma ética das relações internacionais, a Encíclica mostra como de facto existe << **uma verdadeira “dívida ecológica”**>>(51), sobretudo do Norte em relação ao Sul do mundo. Perante as mudanças climáticas existem <<responsabilidades diversificadas>>(52) e as dos Países desenvolvidos são maiores.

Consciente das profundas divergências que existem em relação a estas problemáticas, Papa Francisco mostra-se profundamente interpelado pela <<**fraqueza das reacções**>> perante os dramas de tantas pessoas e populações. Não obstante não falem exemplos positivos (58), depara <<um certa estagnação e uma desinteressada irresponsabilidade>>(59). Falta uma cultura adequada (53) e a disponibilidade em mudar estilos de vida, produção e consumo (59), e é urgente <<criar um sistema normativo que assegure a protecção dos ecossistemas>>(53).

Capítulo Segundo – O Evangelho da criação

Para enfrentar as problemáticas ilustradas no capítulo precedente, o Papa Francisco relê as narrações da Bíblia, oferece uma visão global oriunda da tradição judaico-cristã e articula a «tremenda responsabilidade» (90) do ser humano diante da criação, o elo íntimo entre todas as criaturas e o facto de que «o meio ambiente é um bem colectivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos» (95).

Na Bíblia, «o Deus que liberta e salva é o mesmo que criou o universo. [...] n'Ele se conjugam o carinho e a força » (73). A narração da criação é central para reflectir sobre a relação entre o ser humano e as outras criaturas e sobre como o pecado rompe o equilíbrio de toda a criação no seu conjunto: «Essas narrações sugerem que a **existência humana se baseia em três relações fundamentais estreitamente ligadas: a relação com Deus, com o próximo e com a terra**. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado» (66).

Por isso, mesmo que os « cristãos, algumas vezes têm interpretado de forma incorrecta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do facto de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas» (67). Ao ser humano cabe a responsabilidade de «“cultivar e guardar” o jardim do mundo (cfr Gen 2,15)» (67), sabendo que «o **objectivo final das outras criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente connosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus** » (83).

Que o ser humano não seja o dono do universo, «não significa equiparar todos os seres vivos e tirar ao ser humano aquele seu valor peculiar » que o caracteriza; « também não requer uma divinização da terra, que nos privaria da nossa vocação de colaborar com ela e proteger a sua fragilidade » (90). Nesta perspectiva, « **quaisquer maus-tratos contra qualquer criatura «são contrários à dignidade humana»** » (92), mas «**Não pode ser autêntico um sentimento de íntima união com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos** » (91). É necessária a consciência de uma comunhão universal: « criados pelo mesmo Pai, nós todos seres do universo estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, [...] que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde » (89).

Conclui o Capítulo o centro da revelação cristã: «Jesus terreno» com a «sua relação tão concreta e amorosa com o mundo» «ressuscitou e está presente, glorioso, «em toda a criação com o seu domínio universal » (100).

Capítulo Terceiro – A raiz humana da crise ecológica

Este capítulo apresenta uma análise da situação actual, «de modo a individuar não apenas os seus sintomas, mas também as causas mais profundas» (15), num diálogo com a filosofia e as ciências humanas.

Um primeiro fulcro do capítulo são as reflexões sobre a tecnologia: é reconhecida, com gratidão, a sua contribuição para o melhoramento das condições de vida (102-103); contudo ela **oferece «àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder económico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do género humano e do mundo inteiro»** (104). São precisamente as lógicas de domínio tecnocrático que levam a destruir a natureza e explorar as pessoas e populações mais vulneráveis. «O paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política» (109), impedindo reconhecer que **«o mercado, por si só [...] não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social»** (109).

Faz-se um diagnóstico radical de um excesso de antropocentrismo na época moderna (116): o ser humano não reconhece mais a sua correcta posição em relação ao mundo e assume uma posição autoreferencial, centrada exclusivamente em si mesmo e no próprio poder. Deriva então uma lógica do «descartável» que justifica todo o tipo de descarte, ambiental ou humano que seja, que trata o outro e a natureza como um simples objecto e conduz a uma miríade de formas de dominação. É a lógica que leva a explorar as crianças, a abandonar os idosos, a reduzir os outros à escravidão, a superestimar a capacidade de o mercado se autorregular, a praticar o tráfico de seres humanos, o comércio de peles de animais em risco de extinção e de “diamantes ensanguentados”. É a mesma lógica de muitas máfias, dos traficantes de órgãos, do tráfico de drogas e do descarte dos nascituros porque não correspondem aos planos dos pais. (123)

Nesta luz, a Encíclica aborda duas questões cruciais para o mundo de hoje. Antes de tudo, o trabalho: «Em qualquer abordagem de ecologia integral que não exclua o ser humano, é indispensável incluir o valor do trabalho» (124), bem como **«renunciar a investir nas pessoas para se obter maior interesse imediato é um péssimo negócio para a sociedade»** (128).

A segunda diz respeito aos limites do progresso científico, com clara referência aos OGM (132-136), que são «uma questão de carácter complexo» (135). Embora «em algumas regiões, o seu uso produziu um crescimento económico que contribuiu para resolver alguns problemas, existem dificuldades importantes que não devem ser minimizadas» (134), a partir da «concentração de terras produtivas nas mãos de poucos» (134). O Papa Francisco pensa em particular nos pequenos produtores e trabalhadores rurais, na biodiversidade, na rede de ecossistemas. É, portanto, necessário **«um debate científico e social que seja responsável e amplo, capaz de analisar todas as informações disponíveis e de chamar as coisas pelo seu nome»** a partir de «linhas de pesquisa autónoma e interdisciplinar » (135).

Capítulo Quarto – A ecologia integral

O centro da proposta da Encíclica é a ecologia integral como novo paradigma de justiça; uma ecologia «que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o circunda» (15). De facto, **não podemos considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida**» (139). Isto vale, por aquilo que vivemos nos diferentes campos: na economia e na política, nas diversas culturas, em particular modo nas mais ameaçadas, e até mesmo em cada momento da nossa vida quotidiana.

A perspectiva integral põe em jogo também uma ecologia das instituições: « Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana: **“toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais”** » (142). Com muitos exemplos concretos, o Papa Francisco reafirma o seu pensamento: há uma ligação entre questões ambientais e questões sociais e humanas que nunca pode ser rompida. Assim, «a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo mesma» (141), visto que «Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental» (139).

Esta ecologia integral «é inseparável da noção de bem comum» (156), a ser entendida, no entanto, de modo concreto: no contexto de hoje, no qual «há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais» comprometer-se pelo bem comum significa fazer escolhas solidárias com base em **«uma opção preferencial pelos mais pobres»** (158). Esta é também a melhor maneira para deixar um mundo sustentável às gerações futuras, não com proclamas, mas através de um compromisso de cuidado pelos pobres de hoje, como já havia sublinhado Bento XVI: **«para além da leal solidariedade entre as as gerações, ocorre reiterar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração»** (162)

A ecologia integral envolve também a vida diária, para a qual a Encíclica reserva uma atenção específica em particular no ambiente urbano. O ser humano tem uma grande capacidade de adaptação e **«admirável é a criatividade e generosidade de pessoas e grupos que são capazes de reverter os limites do ambiente, [...] aprendendo a orientar a sua existência no meio da desordem e precariedade»** (148). No entanto, um desenvolvimento autêntico pressupõe um melhoramento integral na qualidade da vida humana: espaços públicos, moradias, transportes, etc. (150-154).

Também «o nosso corpo coloca-nos numa relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos. **A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum;** pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio» (155).

Capítulo Quinto – Algumas linhas de orientação e acção

Este capítulo aborda a pergunta sobre o que é que podemos e devemos fazer. As análises não bastam: são necessárias propostas «de diálogo e de acção que envolvam seja cada um de nós, seja a política internacional» (15), e “que nos ajudem a sair da espiral da autodestruição em que estamos afundando” (163). Para o Papa Francisco é imprescindível que a construção de caminhos concretos não venha abordada de modo ideológico, superficial ou reducionista: por isso é indispensável o diálogo, termo presente no título de cada secção deste capítulo: “existem discussões, sobre questões relativas ao ambiente, nas quais é difícil encontrar um consenso. [...] **a Igreja não pretende definir as questões científicas, nem substituir-se à política, mas (eu) convido a um debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum**» (188).

Nesta base o Papa Francisco não teme formular uma opinião severa sobre as dinâmicas internacionais recentes: «**os Vértices mundiais sobre o ambiente dos últimos anos não deram resposta às expectativas porque, por falta de decisões políticas, não encontraram acordos ambientais globais realmente significativos e eficazes**» (166). E pergunta-se “Porque é que se pretende manter hoje um poder que será recordado pela sua incapacidade de intervir quando era urgente e necessário fazê-lo?» (57). Pelo contrário são necessárias, como repetiram diversas vezes os Pontífices a partir da *Pacem in terris*, formas e instrumentos eficazes de governo global (175): «**temos necessidade de um acordo sobre os regimes de governo para toda a gama dos chamados bens comuns globais**» (174), uma vez que «“a protecção ambiental não pode ser assegurada somente na base do cálculo financeiro de custos e benefícios. **O ambiente é um daqueles bens que os mecanismos do mercado não estão à altura de defender e de promover adequadamente**”» (190, que retoma as palavras do *Compêndio da doutrina social da Igreja*).

E ainda neste capítulo, o Papa Francisco insiste sobre o desenvolvimento de processos de tomada de decisão honestos e transparentes, para poder «discernir» que políticas e iniciativas empresariais poderão levar «a um verdadeiro desenvolvimento integral» (185). De modo particular, o estudo do impacto ambiental de um novo projecto «exige processos políticos transparentes e submetidos ao diálogo, enquanto que **a corrupção que esconde o verdadeiro impacto ambiental de um projecto, em troca de favores, muitas vezes leva a acordos ambíguos que escapam dos deveres de informar e de um debate aprofundado**» (182).

Particularmente incisivo é o apelo dirigido a quem assume encargos políticos, para que se subtraia «à lógica efficientista e “imediatista”» (181) hoje dominante: «**se tiver a coragem de o fazer, poderá novamente reconhecer a dignidade que Deus lhe deu como pessoa** e deixará, depois da sua passagem por esta história, um testemunho de generosa responsabilidade” (181).

Capítulo Sexto – Educação e espiritualidade ecológica

O último capítulo é dirigido ao coração da conversão ecológica a que convida a Encíclica. As raízes da crise cultural agem em profundidade e não é fácil redesenhar costumes e comportamentos. A educação e a formação continuam a ser o desafio central: «**toda a mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo**» (15); estão envolvidos todos os ambientes educativos, antes de tudo «a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese» (213).

O ponto de partida é «**endereçar-se a um outro estilo de vida**» (203-208), que abre também a possibilidade de «exercer uma sã pressão sobre aqueles que detêm o poder político, económico e social» (206). É o que acontece quando as escolhas dos consumidores conseguem “modificar o comportamento das empresas, forçando-as a tomar em consideração o impacto ambiental e os modelos de produção» (206).

Não se pode minimizar a importância dos percursos de educação ambiental capazes de incidir sobre gestos e hábitos quotidianos, da redução do consumo de água, à recolha diferenciada do lixo até «apagar as luzes inúteis» (211): «**Uma ecologia integral é também feita de gestos simples quotidianos nos quais estancamos a lógica da violência, do desfrute, do egoísmo**» (230). Tudo isso será mais simples a partir de um olhar contemplativo que vem da fé: «para o crente, o mundo não se contempla a partir de fora, mas a partir de dentro, reconhecendo os laços com os quais Deus nos uniu a todos os seres. Para além disso, fazendo crescer as capacidades peculiares que Deus deu a cada crente, a conversão ecológica leva-o a desenvolver a sua criatividade e o seu entusiasmo» (220).

Volta a linha proposta na *Evangelii Gaudium*: «**A sobriedade, vivida com liberdade e consciência é libertadora**» (223), assim como «a felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos atordoam ficando assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece» (223); deste modo se torna possível “sentir novamente que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e para com o mundo, que vale a pena ser bons e honestos” (229).

Os santos acompanham-nos neste caminho. **São Francisco**, citado várias vezes é «o exemplo por excelência da atenção para com o que é débil e de uma ecologia integral, vivida com alegria» (10), modelo de como «são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior (10). Mas a Encíclica recorda também **São Bento, Santa Teresa de Lisieux e o Beato Charles de Foucauld**.

Depois da *Laudato Si*, **o exame de consciência**, o instrumento que a Igreja sempre recomendou para orientar a própria vida à luz da relação com o Senhor, **deverá incluir uma nova dimensão**, considerando não só como se viveu a comunhão com Deus, com os outros e consigo mesmo, mas também com todas as criaturas e com a natureza.

INDICE (VERSÃO PROVISÓRIA À ESPERA DA CONFIRMAÇÃO)

- LAUDATO SI' MI' SIGNORE [1-2]
- Nada deste mundo nos é indiferente [3-6]
- Unidos pela mesma preocupação [7-9]
- São Francisco de Assis [10-12]
- O meu apelo [13-16]

PRIMEIRO CAPÍTULO

O QUE ESTÁ A ACONTECER À NOSSA CASA [17-61]

- I. POLUIÇÃO E MUDANÇAS CLIMATICOS [20-26]
 - Poluição, detritos e cultura do descarte* [20-22]
 - O clima como bem comum* [23-26]
- II. A QUESTÃO DA AGUA [27-31]
- III. PERDA DA BIODIVERSIDADE [32-42]
- IV. DETERIORAÇÃO DA QUALIDADE DA VIDA HUMANA E DECADENCIA SOCIAL [43-47]
- V. DESIGUALDADE PLANETÁRIA [48-52]
- VI. A FRAQUEZA DAS REAÇÕES [53-59]
- VII. DIVERSIDADE DE OPINIÕES [60-61]

SEGUNDO CAPÍTULO

O EVANGELHO DA CRIAÇÃO [62-100]

- I. A LUZ QUE A FE OFERECE [63-64]
- II. A SABEDORIA DOS RELATOS BIBLICOS [65-75]
- III. O MISTERIO DO UNIVERSO [76-86]
- IV. A MENSAGEM DE CADA CRIATURA NA HARMONIA DE TE TODA A CRIAÇÃO [84-88]
- V. UMA COMUNHAO UNIVERSAL [89-92]
- VI. O DESTINO COMUM DOS BENS [93-95]
- VII. O OLHAR DE JESUS [96-100]

TERCEIRO CAPÍTULO

A RAIZ HUMANA DA CRISE ECOLÓGICA [101-136]

- I. A TECNOLOGIA: CREATIVIDADE E PODER [102-105]
- II. A GLOBALIZAÇÃO DOS PARADIGMAS TECNOCRATICOS [106-114]
- III. CRISE E CONSEQUENCIAS DO ANTROPOCENTRISMO MODERNO [115-136]

O relativismo pratico [122-123]
A necessidade de defender o trabalho [124-139]
A inovação biológica a partir da pesquisa [130-136]

QUARTO CAPÍTULO

UMA ECOLOGIA INTEGRAL [137-162]

- I. ECOLOGIA AMBIENTAL, ECONOMICA, SOCIAL [138-142]
- II. ECOLOGIA CULTURAL [146-146]
- III. ECOLOGIA DA VIDA QUOTIDIANA [147-155]
- IV. O PRINCIPIO DO BEM COMUM [156-158]
- V. A JUSTIÇA ENTRE AS GERAÇÕES [159-162]
- VI.

QUINTO CAPÍTULO

ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO E DE ACÇÃO [163-201]

- I. O DIALOGO SOBRE O AMBIENTE NA POLITICA INTERNACIONAL [164-175]
- II. O DIALOGO EM DIRECÇÃO A NOVAS POLITICAS NACIONAIS E LOCAIS [176-181]
- III. DIALOGO E TRANSPARENCIA NOS PROCESSOS DE DECISIONAIS [182-188]
- IV. POLITICA E ECONOMIA NO DIALOGO PARA A PLENITUS HUMANA [189-198]
- V. AS RELIGIOES NO DIALOGO COM AS CIENCIAS [199-201]

SEXTO CAPÍTULO

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLOGICA [202-240]

- I. OLHAR PARA UM OUTRO ESTILO DE VIDA [203-208]
- II. EDUCAR À ALIANÇA ENTRE A HUMANIDADE E O AM BIENTE [209-215]
- III. A CONVERSAO ECOLOGICA [216-221]
- IV. ALEGRIA E PAZ [222-227]
- V. AMOR CIVIL E POLITICO [228-232]
- VI. SINAIS SACRAMENTAIS E O REPOSO CELEBRATIVO [233-237]
- VII. A TRINDADE E A RELAÇÃO ENTRE AS CRIATURAS [238-240]
- VIII. A RAINHA DE TODA A CRIAÇÃO [241-242]
- IX. PARA ALEM DO SOL [243-246]

Oração pela nossa terra

Oração cristã com a criação